

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Avaliação,
Políticas
e Expansão
**da Educação
Brasileira 8**

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Avaliação, Políticas e Expansão da
Educação Brasileira 8

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A945	Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 8 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira; v. 8) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-465-8 DOI 10.22533/at.ed.658191007 1. Educação – Brasil. 2. Educação e Estado. 3. Política educacional. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 379.981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira” contou com a contribuição de mais de 270 artigos, divididos em 10 volumes. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da educação, sobretudo, avaliação, políticas e expansão da educação brasileira.

A temática principal foi subdividida e ficou assim organizada:

Formação inicial e continuada de professores - **Volume 1**

Interdisciplinaridade e educação - **Volume 2**

Educação inclusiva - **Volume 3**

Avaliação e avaliações - **Volume 4**

Tecnologias e educação - **Volume 5**

Educação Infantil; Educação de Jovens e Adultos; Gênero e educação - **Volume 6**

Teatro, Literatura e Letramento; Sexo e educação - **Volume 7**

História e História da Educação; Violência no ambiente escolar - **Volume 8**

Interdisciplinaridade e educação 2; Saúde e educação - **Volume 9**

Gestão escolar; Ensino Integral; Ações afirmativas - **Volume 10**

Deste modo, cada volume contemplou uma área do campo educacional e reuniu um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis do ensino.

Entregamos ao leitor a coleção “Avaliação, Políticas e Expansão da Educação Brasileira”, divulgando o conhecimento científico e cooperando com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONSTRUÇÃO DA PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA DA UNIPAMPA NOS PRIMEIROS ANOS DE CRIAÇÃO - VISÃO INSTITUCIONAL	
Caren Rossi Alzira Elaine Melo Leal Katiane Rossi Haselein Knoll	
DOI 10.22533/at.ed.6581910071	
CAPÍTULO 2	15
A GUERRA DO CONTESTADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA APROXIMAÇÃO INDISPENSÁVEL NO MEIO-OESTE CATARINENSE	
Marco Andre Serighelli Vanessa Wegner Agostini	
DOI 10.22533/at.ed.6581910072	
CAPÍTULO 3	25
A PRIMEIRA IMPRESSÃO, OS DEVANEIOS EM BACHELARD E UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO	
Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena Luciane de Souza Oliveira Valentim Elaine Cristina Balancieri Pereira André Augusto Gutierrez Fernandes Beati	
DOI 10.22533/at.ed.6581910073	
CAPÍTULO 4	33
AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DE PIERRE BOURDIEU PARA A EDUCAÇÃO	
Bianca Cristina dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6581910074	
CAPÍTULO 5	41
CARACTERIZAÇÃO DE PARÂMETROS (INDICADORES) EM COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO (COINFO): ESTUDO DE CASO EM HISTÓRIA DA CIÊNCIA COM O USO DE ABORDAGENS QUALITATIVAS	
Marcia Rosetto Regina Célia Baptista Belluzzo	
DOI 10.22533/at.ed.6581910075	
CAPÍTULO 6	53
DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA	
Jaqueline Vieira de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6581910076	
CAPÍTULO 7	70
ECOS MORAIS E CÍVICOS: UMA ANÁLISE DO AMBIENTE DE UMA BANDA MARCIAL EM TEMPOS DE DITADURA	
Rafael Montoito Rafael de Souza Velasco	
DOI 10.22533/at.ed.6581910077	

CAPÍTULO 8	84
EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA: A POSSIBILIDADE DE DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO SOCIAL	
Patricia Melo Magoga Darcísio Natal Muraro	
DOI 10.22533/at.ed.6581910078	
CAPÍTULO 9	96
GRUPO PET-GEOLOGIA E O MUSEU DE GEOCIÊNCIAS NA ATUALIZAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GEOLOGIA DA UFPA	
Rosemery da Silva Nascimento Carlos Andrei Pedroso Da Silva Gabriel Silva De Araújo Pontes	
DOI 10.22533/at.ed.6581910079	
CAPÍTULO 10	108
HISTORIA DA ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS: DESAFIOS DA EXPANSÃO NOS BAIRROS DA GAVEA E URCA	
Rosimeri da Silva Pereira Arlindo Carlos Silva da Paixão Franklim Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65819100710	
CAPÍTULO 11	117
MAPEAMENTO HISTÓRICO DA VINCULAÇÃO DE RECURSOS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Edugas Lourenço Costa Rafael Pavan	
DOI 10.22533/at.ed.65819100711	
CAPÍTULO 12	131
O PATRIMÔNIO CULTURAL NO CONTEXTO DAS NOVAS RURALIDADES DO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Gerciane Maria da Costa Oliveira Kyara Maria de Almeida Vieira Gionara Bruna Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100712	
CAPÍTULO 13	143
O USO DE DOCUMENTÁRIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RELAÇÃO	
Lóren Grace Kellen Maia Amorim Maria Teresa Menezes Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.65819100713	
CAPÍTULO 14	153
OLHARES - A FOTOGRAFIA E OS ESPAÇOS URBANOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO ESPACIAL: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Fátima Aparecida da Silva Faria Galvão dos Santos Erik Armando Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.65819100714	

CAPÍTULO 15	164
PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE TRABALHO DOCENTE	
Solange Martins Oliveira Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.65819100715	
CAPÍTULO 16	177
SOBRE AS UNIVERSIDADES: UM ESTUDO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ	
Oscar Edgardo N. Escobar	
DOI 10.22533/at.ed.65819100716	
CAPÍTULO 17	186
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A ESPECIFICIDADE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Taira Carvalho Assis	
Laís Leni Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.65819100717	
CAPÍTULO 18	202
TRANSFORMAÇÕES EDUCACIONAIS NO SÉCULO XX: APONTAMENTOS SOBRE AS POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCACIONAIS	
Helen Barbosa Raiz Engler	
Leonardo Henrique Cardoso de Andrade	
Tatiana Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65819100718	
CAPÍTULO 19	209
UMA ANÁLISE DA ATUAL EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA	
Edelvar Vicente Rippel	
Millais Lariny Soares Rippel	
DOI 10.22533/at.ed.65819100719	
CAPÍTULO 20	219
UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE DAVID HUME E RENÉ DESCARTES	
Ana Cristina da Silva Brito	
Kelei Zeni	
Eliane de Fátima Triches	
DOI 10.22533/at.ed.65819100720	
CAPÍTULO 21	228
BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: APONTAMENTOS À LUZ DE FOUCAULT	
Adriana Martins de Oliveira	
Francismeiry Cristina de Queiroz	
Raquel Martins Fernandes Mota	
DOI 10.22533/at.ed.65819100721	
CAPÍTULO 22	240
VIOLÊNCIA ESCOLAR: DESAFIOS EM CURSO NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI	
Vanessa Gonçalves da Silva	
Cleide Ester de Oliveira	
Veralúcia Guimarães de Souza	
Francisco Carlos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65819100722	

CAPÍTULO 23 253

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DOS ASPECTOS QUE POSSIBILITAM ESSA PRÁTICA

Maria Goretti Rodrigues de Sousa Oliveira

Maria Aparecida Pereira

Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.65819100723

SOBRE O ORGANIZADOR..... 262

DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS: UMA ANÁLISE DOS ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA

Jaqueline Vieira de Aguiar

Secretaria de Estado de Educação - SEEDUC

Rio de Janeiro - RJ

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar a educação das Princesas Isabel e Leopoldina a partir de seus escritos pessoais constituídos por diário, cartas e cadernos produzidos entre os anos de 1854 e 1864. Esses documentos de cunho autobiográfico pertencem ao arquivo pessoal dos descendentes da Família Imperial do Brasil e se constituem as principais fontes dessa pesquisa com abordagem qualitativa e histórico-documental. O estudo dialoga com autores como Vasconcelos (2005), Mignot (2008), Cunha (2013) e Bastos, Cunha e Mignot (2002). Ao término do trabalho, constatou-se que o diário, cartas e cadernos consultados foram fundamentais para desvelar parte da vida educacional das Princesas, únicas herdeiras do Brasil monárquico oitocentista. Os escritos evidenciam um árduo cotidiano educacional enfrentado pelas duas meninas. No entanto, o destaque foi para a aplicação de Isabel, desde o início mais comprometida com os ensinamentos que lhe eram proporcionados. Como mulher, parecia entender que precisava estar mais bem preparada intelectualmente do que qualquer homem que cruzasse seu caminho na administração política. Somente

assim conseguiria fazer a diferença.

PALAVRAS-CHAVE: História da Educação; Princesas Isabel e Leopoldina; Escritos Autobiográficos; Diário, Cartas e Cadernos; Brasil Império.

ABSTRACT: The present study aims to analyze the education of the Princesses Isabel and Leopoldina based on their personal writings such as diaries, letters and notebooks created between the years 1854 and 1864. These autobiographical documents belong to the personal archive of the descendants of the Imperial Family of Brazil and are the main sources of this research with a qualitative and historical-documentary approach. The study discusses with authors such as Vasconcelos (2005), Mignot (2008), Cunha (2013) and Bastos, Cunha and Mignot (2002). At the end of the work, it was verified that the diary, letters and notebooks consulted were fundamental to unveil a part of the educational life of the Princesses, the only heirs of nineteenth-century monarchic Brazil. The writings show an arduous educational routine faced by the two girls. However, the highlight was for the Isabel's application that was more committed to the provided teachings since the beginning. As a woman, she seemed to understand that she needed to be better prepared intellectually than any man who crossed her path in political

administration. Only then, she could make a difference.

KEYWORDS: History of Education; Princesses Isabel and Leopoldina; Autobiographical Writings; Diary, Letters and Notebooks; Brazil Empire.

1 | INTRODUÇÃO

Art 1º Em todas as cidades, villas e logares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessarias. [...].

Art 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de arithmetica, pratica de quebrados, decimaes e proporções, as nações mais geraes de geometria pratica, a grammatica da lingua nacional, e os principios de moral chritã e da doutrina da religião catholica e apostolica romana, proporcionandos á comprehensão dos meninos; preferindo para as leituras a Cosntituição do Imperio e a Historia do Brazil.

Art 7º Os que pretenderem ser providos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os Presidentes, em Conselho; e estes proverão o que fôr julgado mais digno e darão parte ao Governo para sua legal nomeação. [...].

Art 11 Haverão escolas de meninas nas cidades e villas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessario este estabelecimento.

Art 12 **As mestras, além do declarado no art 6º**, com exclusão das noções de geometria e limitando a **instrução da arithmetica** só as suas quatro operações, ensinarão **tambem as prendas que servem á economia domestica**; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquellas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na fórmula do art. 7º.

Art 13 As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres. [...]. (DECRETO IMPERIAL DE 15 DE OUTUBRO DE 1827 – Grifo meu.)

De acordo com o Decreto das Escolas de Primeiras Letras de 1827, às mulheres brasileiras e oitocentistas não se considerou importante o conhecimento das “ciências e letras” igualmente proporcionados aos homens que estudavam na mesma época, o que fica claro nos artigos 11 e 12. Para as mulheres oitocentistas o fundamental era ler, contar e dominar o conhecimento das “prendas domésticas”, fossem elas das classes mais baixas ou das elites. Isso ocorria porque o principal objetivo da educação feminina era o preparo para o casamento e a procriação, ao passo que aos homens era proporcionado o ensino das “ciências e letras”, de forma que pudessem colaborar com o desenvolvimento econômico do país.

No entanto, a morte de Afonso Pedro e Pedro Afonso, filhos do Imperador D. Pedro II, tornou as Princesas Isabel e Leopoldina as únicas herdeiras da Coroa brasileira. Após a perda de seu irmão, Isabel tornou-se a primeira na linha sucessória e recebeu o título de Princesa Imperial, e no caso de uma nova fatalidade seria substituída por Leopoldina, sua irmã caçula. Diante desse fato, as duas meninas precisaram ser educadas com a finalidade de assumirem no tempo oportuno o governo Imperial do

Brasil, portanto, deveriam receber a instrução digna de um governante pautada nas “ciências e letras”, posição quase sempre ocupada por um homem. Além disso, também precisavam estar aptas ao conhecimento das “prendas domésticas”, ensinamentos destinados à mulher, como futuras mães e esposas.

O processo de formação educacional formal das Princesas Isabel e Leopoldina realizou-se entre os anos de 1850 e 1864 nos Paços de São Cristóvão e de Petrópolis. Segundo Vasconcelos (2005), no século XIX a educação das crianças da elite, da nobreza e principescas realizava-se no espaço doméstico do lar, ou seja, na “casa”. Assim, D. Pedro II principiou, ele próprio, a preparação das futuras soberanas. Em seguida, foram contratados mestres e uma preceptora responsável por coordenar e supervisionar o trabalho dos professores conforme as orientações do próprio Imperador.

Com a finalidade de tomar ciência de tudo o que acontecia no cotidiano das lições nos Paços onde as Princesas eram educadas, tanto o Imperador D. Pedro II, quanto a Imperatriz D. Teresa Cristina escreviam cartas e até mesmo bilhetes para se informarem do que era ensinado e também do estado de saúde das duas meninas. A correspondência escrita fazia-se necessária, pois a distância entre pais e filhas ocorria por vários motivos. Na residência das Princesas, no Paço de São Cristóvão, as meninas não tinham autorização para andar pelos corredores desacompanhadas e a qualquer hora do dia (ARGON, 2006, p. 75). Quando chegava o verão, e até mesmo em outros meses do ano, as Princesas passavam longas temporadas na residência da família em Petrópolis e nem sempre estavam acompanhadas pelos pais, mas sim pelos seus mestres, pela preceptora e por suas damas. Também os Imperadores, quando viajavam, preocupavam-se em enviar cartas às filhas. Esse costume fica bastante evidente nas epístolas escritas por D. Pedro II às Princesas no período em que ele e sua esposa visitavam as províncias do “Norte”, entre os meses de outubro de 1859 e janeiro de 1860. Mesmo de tão longe e a altas horas da noite, o Imperador procurava se certificar de que as meninas estavam tendo “boas lições”.

Além de escreverem cartas aos pais diariamente, as Princesas também apontavam os ensinamentos cotidianos em cadernos e folhas soltas que posteriormente passavam pelo escrutínio do Imperador. E Isabel, a Princesa Imperial, ainda arranjava tempo para registrar em seu diário pessoal os principais acontecimentos do dia. É a partir desses documentos autobiográficos que hoje é possível ter conhecimento de parte do cotidiano das lições das duas filhas do soberano. Logo, esse estudo tem como objetivo principal analisar a educação das Princesas Isabel e Leopoldina a partir de seus escritos autobiográficos constituídos por diário, cartas e cadernos produzidos entre os anos de 1854 e 1864, período em que se preparavam para um dia assumirem o Trono brasileiro. Os documentos selecionados pertencem ao acervo pessoal dos descendentes da Família Imperial do Brasil e tornaram-se fontes privilegiadas para o estudo em pauta por proporcionarem ao leitor adentrar um pouco na intimidade das Princesas herdeiras.

Nos últimos anos, documentos autobiográficos produzidos durante a vida escolar

ou educativa tornaram-se relevantes para historiadores e historiadores da educação justamente por conterem vestígios do ensinado e possivelmente apreendido por crianças e adolescentes. Dentre as fontes elegidas destaca-se o caderno, um objeto da cultura escrita muito usado na contemporaneidade. Ele é “testemunha ocular”, e ao mesmo tempo a representação material do cotidiano vivido por professores e alunos no espaço educativo o que tem despertado interesse e curiosidade não só dos pais e responsáveis dos autores, mas também dos pesquisadores da história da educação.

Viñao Frago (2008, p. 19), conceitua caderno como “um conjunto de folhas encadernadas ou costuradas de antemão em forma de livro que forma uma unidade ou volume e que são utilizadas com fins escolares”. E no caso das Princesas que não frequentaram escolas, pode-se entender que esse objeto da cultura escrita possuía fins educativos. Viñao Frago também explica que esse mesmo caderno pode ser usado para outras finalidades, como diário, anotações ou contas. Situação que ocorre com o diário da Princesa Isabel, um caderno esteticamente igual aos destinados para os estudos das lições, mas que carrega consigo anotações não necessariamente sobre estudos, mas atividades cotidianas e até mesmo confidências pessoais, portanto, pode ser compreendido como um “egodocumento”.

Sobre os “egodocumentos” Vasconcelos (2015, p. 105), revela: “excetuando-se os diários já impressos, a grande maioria dos egodocumentos datados do século XIX e início do século XX, ainda está em seu estado original, manuscrito, sob a guarda de alguma instituição ou de uma coleção privada”, o que revela a singularidade desse tipo de fonte. Quanto as cartas selecionadas, verifica-se que o ato de enviar e receber carta era um costume muito presente até o século XIX e esse hábito vem entrando em desuso contínuo desde as últimas décadas do século XX, sendo substituídas por e-mail, whatsapp, messenger e outras formas de comunicação digital. Segundo Mignot, as cartas “constituem-se em documentos que permitem compreender itinerários pessoais e profissionais de formação, seguir a trama de afinidades eletivas e penetrar em intimidades alheias” (2002, p. 115). Para Gomes (2004, p. 19), a escrita epistolar “implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê — sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”.

Várias são as possibilidades de estudos com documentos autobiográficos, seja ele um diário, um bilhete, uma carta ou um diário pessoal. E é nesse universo que o presente estudo se insere. A pesquisa histórico-documental leva o leitor ao cotidiano educativo das Princesas Isabel e Leopoldina, duas mulheres designadas para um dia estarem a frente do poder político do Brasil.

21 “O COTIDIANO EDUCATIVO NOS ESCRITOS DAS PRINCESAS ISABEL E LEOPOLDINA”¹: DESVENDANDO DIÁRIO, CARTAS E CADERNOS

[Petropolis] 25 de Xbro de 1859 Minha cara Mãe

Desejo que esteja boa. Eu estou boa. Hontem a Condessa arranhou uma árvore muito bonita. [...] Eu já estava hontem quase pegando no sonno quando eu ouvi m^a Roza fallar e dizer que tinham as cartas eu logo me levantei. Tambem tinha na árvore 4 palmatorias em que estão escritos para a mais preguiçosa (eu), para a mais teimosa (mana), para quem não sabe tabuada (Dominique) e para quem troca letras (Francisca). Antes de hontem fizemos um passeio bem bom de tarde fomos à cascatinha. Estou com muitas saudades suas e de Papae tomara já fevereiro para ter o gosto de ver-lhes. Muito obrigada [...] Diga a Papai que eu gosto muito do Inglez e que já começo engatinhar para o fallar. Já faço phrases. [...] Leopoldina Thereza. (LEOPOLDINA, 1859).

No ano de 1859, do Palácio Imperial de Petrópolis, localizado na província do Rio de Janeiro, e no dia de Natal, Leopoldina, a Princesa do Brasil, escreve uma carta para sua mãe, a Imperatriz D. Teresa Cristina. O texto foi escrito numa folha de papel duplo na cor azul, com baixa gramatura, e a tinta preta usada na escrita é ferrogálica. A leitura do texto é difícil, não só pela caligrafia com garranchos, mas também devido à oxidação da tinta que corroeu parte do papel.

Na carta, a Princesa informa à mãe sobre a noite anterior e explica um fato que parece tê-la marcado profundamente. Ela conta que a Condessa de Barral, encarregada da educação das Princesas no período de 1856 a 1864, havia arranjado uma árvore de Natal e nela depositado quatro palmatórias: uma para ela mesma, por ser a mais preguiçosa; outra para a mana Isabel, por ser a mais teimosa; outra para o Dominique - filho da Condessa de Barral -, por não saber tabuada; e, por último, para a amiga Francisca, por trocar letras. Com esse rigor simbólico apresentado de forma bem humorada, Luísa Margarida Portugal de Barros, a preceptora das Princesas Isabel e Leopoldina, chamava a atenção de cada uma das crianças para as quais lecionava, corrigindo suas falhas. Dessa forma, ela as educava e também alegrava o ambiente, que certamente estava mais triste pela ausência dos pais das Princesas que, na ocasião, se encontravam percorrendo as Províncias do “Norte” do país. Tal viagem ocorreu entre os meses de outubro de 1859 a janeiro de 1860, e as regiões visitadas foram: Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba.

Ainda nessa missiva, Leopoldina solicita à mãe que comunicasse ao pai seus progressos nas lições de Inglês - atitude que demarca o papel do Imperador como a principal referência na educação tanto dela como na de Isabel - mencionando a aula do idioma ministrado pelo Padre Marcos Neville. Nota-se que, ao receber a carta, D. Teresa Cristina tenha atendido à filha caçula, comunicando ao marido os progressos da menina nas aulas de Inglês, mas que também não tenha se contido, falando sobre a árvore de Natal com quatro palmatórias. Assim, quinze dias depois da escrita da

1. Título apresentado no IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias realizado no Rio de Janeiro, Brasil, em junho de 2017.

missiva de Leopoldina à mãe, chega para Isabel, de Aracaju, a seguinte mensagem do pai: “Estimo que a palmatoria não te saia mais como fructo da árvore do Natal, e continues a dar bem tuas lições” (D. PEDRO II, 1860).

Mesmo distante do Rio de Janeiro, a capital do Império do Brasil, D. Pedro II preocupava-se com a formação educacional de suas filhas. Desde a perda do segundo filho varão ocorrida no ano de 1850, ele tomou para si essa responsabilidade fato que ficou evidente após redigir carta ao funcionário da Casa Imperial num dos momentos mais tristes de sua vida:

Senhor Macedo. Dê as ordens necessárias para que, com toda a comodidade, venham para S. Cristóvão esses filhos que me restam, e estimo mais que a vida... Foi o golpe o mais fatal que poderia receber, e decerto a ele não resistiria se não me ficassem ainda mulher e duas crianças, que tenho a educar para que possam fazer a felicidade do país que as viu nascer, e é [...] também uma de minhas consolações. (D. PEDRO II, 1850 *apud* BARMAN, 2005, p.45)

Educar Isabel e Leopoldina para governar, passou a ser para o Imperador D. Pedro II um dos seus principais objetivos de vida. E assim, iniciou a instrução das duas filhas. No entanto, seus compromissos como monarca e as tradições das Cortes portuguesas de que príncipes herdeiros deveriam ser educados por um aio ou preceptor (BARMAN, 2005, p. 57-58), fez com que se empenhasse em encontrar alguém que preenchesse esse nobre cargo junto a suas filhas. E então convidou D. Amélia, sua madrasta, viúva do Imperador D. Pedro I, para desempenhar essa importante missão. A escolha não ocorreu por acaso, pois, no curto tempo em que viveu no Brasil (1829-31), D. Amélia destacou-se por sua esmerada educação e, mesmo quando deixou seus “filhos” para retornar à Europa, acompanhou por meio de missivas a instrução dos herdeiros de D. Pedro I, incentivando-os aos estudos e enviando-lhes livros. Além disso, D. Amélia fora a responsável pela formação educacional de sua única filha, a Princesa Maria Amélia, irmã de D. Pedro II, que acompanhou o desenvolvimento intelectual de sua irmã caçula por meio de epístolas. Dessa forma, quando precisou de uma preceptora, o Imperador logo convidou sua “mãe” D. Amélia para ocupar o cargo (AGUIAR, 2015).

Mas, com a recusa da Imperatriz, D. Pedro II não viu alternativa a não ser encarregá-la de ao menos ajudá-lo a encontrar uma preceptora alemã, católica, viúva, sem filhos menores, maior de quarenta anos, dominando as línguas mais usadas, entendendo o português, possuindo gênio dócil, maneiras delicadas e conhecendo perfeitamente os diversos misteres em que as senhoras passavam suas horas vagas (D. PEDRO II, 1853). Para atender a essas solicitações, D. Amélia, a Imperatriz viúva de D. Pedro I, dedicou-se durante dois anos em encontrar a candidata que preenchesse as exigências necessárias, e informava ao “filho”, por meio de intensa correspondência, o desenrolar de sua busca. Entretanto, as exigências feitas por D. Pedro II eram demasiadas. Com o tempo, após várias buscas, D. Amélia pediu ao “filho” que encarregasse também a Princesa Francisca de Joinville, sua irmã, de fazer essa procura.

A Princesa Francisca era casada com o Príncipe de Joinville, filho do Rei

destronado Luís Felipe, da França. Naquele momento, ela vivia com a família do marido na Inglaterra. “Quando solicitada, a Princesa brasileira não teve dúvidas e recomendou sua antiga dama, Luísa Margarida Portugal de Barros, a Viscondessa de Barral, que outrora a auxiliara a se inserir na Corte francesa” (AGUIAR, 2016, p. 3). Logo, a Princesa Francisca enviou uma epístola ao irmão Imperador, explicando as qualidades de sua candidata e as possíveis exigências para que aceitasse o cargo, o que pode ser conferido abaixo:

Meu querido Mano Pedro

Vou começar esta carta falando-te logo do que nos interessa tanto da escolha da Aia. Creio que não podias escolher melhor do que a Barral a qual não é só mui bem educada como maneiras e princípios solidos em tudo. Mas tambem sabe bastante. Ella fala perfeitamente bem o francês, inglês e a sua língua. O piano também é muito forte. Toca perfeitamente bem. E creio que com mestres debaixo da sua vista e direção tudo poderá ir como o desejas e teres para suas filhas uma educação excellent. Creio que a Barral não hade poder seguir a educação a todos os instantes como faria uma institutrice que não tivesse interior, de maneira que creio que é indispensável de teres uma pessoa nessa posição e inteiramente debaixo das suas ordens [...]. absolutamente necessario que ella tenha alguém em que se possa fiar inteiramente para ter horas no dia, ou puder ter a tarde e a noite para passar no seu ménage. [...] Para concluir o que eu penso, creio que deve lhes propor uma posição mui boa para que ella possa em tudo ficar o que ella deve ser ao pé das tuas filhas, senão tenho muito medo que as outras não se ponhão todas a querer subir por cima della e então fazer-lhe intrigas de todas as maneiras que ella seja obrigada a deixar o lugar e isto é sempre bem mau as mudanças continuas na regra da educação. Eu espero que a Barral aceite. Tanto que outra vez se quizeres que trate negocios para ti, desejo que me falles com mais detalhes e que possa saber quaes são as proposições que fazes a pessoa pois com isso poderia arranjar os negocios melhor sabendo o que posso dizer e do que vou tratar [...]. Adeus meu Caro Pedro. Aceite um abraço bem do coração. Desta tua bem affectuosa Mana Francisca. (FRANCISCA, 1856).

Quando tomou conhecimento das habilidades de Luísa Margarida, D. Pedro II não duvidou e entrou em contato com a futura preceptora, que se encontrava na Bahia. O mordomo Paulo Barbosa foi quem tratou o assunto com a futura aia das Princesas, a Viscondessa de Barral. Ao receber o convite por meio de carta, “Luísa Margarida, uma mulher à frente de seu tempo, não respondeu de imediato, preferindo negociar um excelente ordenado, casa e carruagem Imperial a sua disposição” (AGUIAR, VASCONCELOS, 2012, p.16).

A preceptora chegou ao Rio de Janeiro já na condição de Condessa de Barral, visto que, após a morte do sogro, seu marido ascendeu ao título. Ela iniciou suas atividades como encarregada da educação das Princesas a partir de 9 de setembro de 1856, conforme anotações realizadas em seu diário: “9 de 7^{bro} 1856 Veio hoje pela primeira vez minha aia a condessa de Barral e dei com Ella principio ao estudo da lingua Franceza, dei lição de piano; as três horas fomos passear á quinta, e de tarde estudei a lição de piano” (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

Um ano após sua chegada, a preceptora recebeu uma auxiliar, a institutrice francesa Victorine Templier, posto que uma ajudante fosse realmente necessária

devido às atribuições de Luísa Margarida no cotidiano educativo das Princesas. Sendo assim, Luísa Margarida, a Condessa de Barral, passou a acompanhar as futuras soberanas durante todo o dia, auxiliando-as nas atividades, ministrando aulas, levando-as aos lugares necessários, influenciando no comportamento das duas e também coordenando seus mestres e damas. “Longe de ser apenas uma dama, como fora para Francisca, Luísa Margarida não apenas formava duas esposas de príncipes estrangeiros, mas principalmente, duas mulheres que deveriam ser educadas para governar” (AGUIAR, VASCONCELOS, 2012, p. 19).

A Imperatriz viúva de D. Pedro I também acompanhava o crescimento e o desenvolvimento intelectual de suas “netas” Isabel e Leopoldina, por meio de epístolas trocadas entre ela, o Imperador e a pequena Isabel. Abaixo, encontram-se duas cartas de D. Amélia à Isabel:

Lisboa, 11 de janeiro de 1855

Minha pequena Isabel Dessa vez eu escrevo em francês para te habituar a compreender essa língua, e te agradecer carinhosamente pela gentil carta que me escreveu no último dia 10 de novembro. Estou muito contente que o pequeno pássaro mecânico e os livros te agradaram e espero que eles te façam pensar as vezes naquela que te beija com todo o coração, Sua afetuosa avó Amélia (D. AMÉLIA, 1855).

Lisboa, 12 de março de 1856

Minha cara neta Te agradeço carinhosamente pela carta que me escreveu e fico muito contente em saber que os diferentes objetos que eu te enviei pela Viscondessa de Campos te agradaram. Tua escrita teve progressos e não tenho dúvidas que o mesmo ocorre com tuas outras lições, para que você queira certamente mostrar ao papai e à mamãe, através de sua aplicação, que os ama com todo o coração e quer agradá-los. Adeus minha cara Isabel, beijos. Sua muito afetuosa avó Amélia (D. AMÉLIA, 1856).

O que chama a atenção quando se examina o original dessas epístolas, pertencentes ao acervo particular dos descendentes da Família Imperial do Brasil, é o fato de serem escritas em francês. Na ocasião em que a primeira carta foi escrita, a destinatária da carta era Isabel, uma criança de apenas oito anos de idade. Após a tradução e leitura da mesma, torna-se claro que a missivista buscava, com sua atitude, cooperar com a educação da Princesa, incentivando-a a compreender o francês, um idioma diferente do seu e muito falado no século XIX. Além do mais, a Imperatriz D. Amélia realizava o mesmo sistema adotado com o Imperador quando menino: enviava livros à herdeira do trono para que o gosto pela leitura fosse despertado e estimulado.

Destaca-se ainda que a quantidade de disciplinas estudadas diariamente pelas Princesas era tão extensa que pouco tempo lhes restava para as demais atividades. De acordo com o boletim de 1864, as meninas lecionavam: Evangelho e Catecismo, Poesia Portuguesa, Escrita, Leitura Portuguesa e Francesa, Ortografia, Poesia Francesa, Literatura Portuguesa, Estilo em Português, Estilo em Francês, Cosmografia, Geografia, História do Brasil, História Moderna, História da França, História da Inglaterra, História

do Consulado e Império, História Antiga, História Romana, História Santa, História da América, Retórica, Física, Economia Política, Mineralogia e Geologia, Latim, Grego, Italiano, Alemão, Piano, Desenho e *Tableau*. Algumas dessas disciplinas podem ser conferidas no Quadro I relativo aos dias e horários de estudos das Princesas.

Horário	Dias da Semana	Horário	Dias da Semana
	Segunda-feira		Quinta-feira
7-7 ½	Estudo da História de Portugal	7-7 ½	Geografia
7 ½ a 9	Caminhada, Almoço, Visita da mãe da Imperatriz	9-10	Dever de estilo Alemão e Francês
9-10	Estudo do Piano	10-11	Aula de Inglês
10-11	Dever de Latim - Ditado francês	11-11 ½	Camões
11	Gramática Francesa - Homônimos	11 ½ a 14	Hist. de Portugal e Inglaterra - Geografia Inglaterra.
12-14	Desenho	15-16	Escrita da História da Inglaterra
14-15	Jantar	16-17	O Sr. Candido Baptista
15-16	Aula de Alemão	19-19 ½	Latim com Imperador
16-17	Aula de Latim com o Visconde	19 ½ - 20	Jantar- Oração
17-18	Andar - Recreação	20-21 ½	Gramática- Versos portugueses
19-19 ½	Leitura de Barros		
19 ½ - 20 8:	Ceia - Oração		
20-21 ½	História da França - Dever de Inglês		
	Terça-feira		Sexta-feira
7-7 ½	Estudo de verso Francês	7-7 ½	Estudo da História de Portugal
7 ½ a 9	Almoço	9-10	Estilo Português - Aritmética
9-10	Dever de Alemão e de Latim.	10-11	Cópia da Cosmografia
10-11	Aula de Inglês	11-14	Piano - Inglês – Latim com o Imperador Latim com o Imperador
11-11 ½ ½:	Camões	15-16	Alemão
11 ½ -14 21pm:	Piano - Hist. de Portugal e da França	16-17	Literat. Portuguesa com o Visconde
14-15	Jantar	19-21	Barros Princesas.
15-16	Lição de Física	21-22	<i>Tableau</i> da Idade- Média- Francês
16-17	Botânica aprendida e recitada		
17-19	Recreação		
19-19 ½	Latim com Imperador		
19 ½ -20	Ceia - Oração		
20-21	<i>Tableau</i> da Idade- Média- Francês		
	Quarta-feira		Sábado
7-7 ½	Estudo da História da Inglaterra	7- 9	Missa na Glória- Evangelho no carro
7 ½ a 9	Almoço	9-10	Alemão - Latim com o Imperador

9-10	Estudo do Piano	10-11	Inglês
10-11	Estilo em Português- Inglês	11-14	Camões - Exames
11-12	Mitologia - História Sagrada	15-16	Física
12-14	Desenho	16-17	Piano
15-16	Alemão	19-19 ½	Latim com o Imperador
16-17	Literatura Portuguesa com o Visconde	20-21 ½	Desenho - Leitura religiosa/divertida
19-19 ½	Barros		
19 ½ -20	Ceia - Oração		
20-21	História de Portugal - Problemas		

QUADRO 1 – DIAS E HORÁRIOS DAS DISCIPLINAS ESTUDADAS PELAS PRINCESAS NO ANO DE 1862

Fonte: AGUIAR, 2015.

O Quadro I é composto por informações oriundas do documento *Papéis relativos à educação das Princesas* pertencente ao Arquivo Histórico do Museu Imperial. Neste documento, originalmente escrito em língua francesa e com a caligrafia de M^{lle} Templier, a auxiliar da Condessa de Barral, são apresentados os horários e as disciplinas estudadas diariamente pelas Princesas no ano de 1862. Provavelmente a auxiliar francesa tenha anotado as informações planejadas pelo Imperador num momento em que a preceptora estivesse ausente.

Ao analisar o Quadro 1, verifica-se que os Imperadores possuíam hora marcada para estar com suas filhas. D. Pedro II com o objetivo de ministrar lições e D. Teresa Cristina para visitá-las, o que ocorria geralmente no período do almoço, talvez para não atrapalhar os estudos. Nota-se que até no sábado, durante o percurso entre o Paço de São Cristóvão e a igreja da Glória, quando se dirigiam para a missa, o tempo era aproveitado para o aprendizado do Evangelho. Ainda analisando o Quadro 1 contrastado com as cartas e cadernos das Princesas e o diário da Princesa Isabel, conclui-se que as atividades educacionais das meninas realizavam-se de segunda a sábado por volta das 7 horas da manhã, podendo se estender até as 22 horas, o que perfaz um total de 15 horas diárias. Porém, ao descontar as 4 horas em que paralisavam a instrução para a realização das refeições, da oração e da recreação, chega-se à média de 11 horas diárias dedicadas às lições. Uma carga horária extremamente rigorosa para as duas meninas de 16 e 15 anos, cumprirem e aprenderem as mais variadas disciplinas.

Contudo, não existia uma unidade nos procedimentos e horários adotados pelos professores na casa, o que pode ser explicado pela versatilidade que a educação doméstica pode proporcionar aos envolvidos no processo educativo. Entretanto, para Vasconcelos (2005), algumas normas, como o início das aulas, costumavam acompanhar o funcionamento dos colégios. Nessa perspectiva, “as aulas funcionavam nas casas desde a primeira quinzena de janeiro até 24 de dezembro, excetuando-se as fazendas, quando os ensinamentos eram, por vezes, intermitentes até a preparação dos alunos, ou acompanhavam a disponibilidade dos mestres” (VASCONCELOS, 2005, p. 80).

A partir da confirmação de que o Imperador exercia a função de mestre junto às filhas, foram encontradas três missivas enviadas a elas por D. Pedro II, no período de 1859 a 1861, nas quais constam alguns vestígios de como ele conduzia a educação de Isabel e Leopoldina.

Recife 18 de 10^{bro} de 1859 1 da madrugada. Cara Izabel [...] Mande me dizer o que indica que uma equação é do 2º grau, e qual a formula de resolvel-a. Fale-me também dos logaritimos dizendo-me o que são e para que servem. Quando responderes não entres senão contigo mesma, tendo-me escrito o Candido Baptista que já lhe explicou estas matérias [...] (D. PEDRO II, 1859).

Rio 24 de março de 1861 6 horas da manhã. Caras Filhas [...] Não s' esqueção da minha figura geometrica e passem esta semana tão santinhas como Ella [...] (D. PEDRO II, 1861).

Rio 28 de março de 1861 Minhas Caras Filhas [...] Ahi vae um abraço por boas festas e domingo terão as caixinhas de amêndoas que eu mesmo escolherei para serem bonitas. Não me conterão só com a figura geometrica; quero também uma semana, pelo menos, de lições muito bem dadas [...] (D. PEDRO II, 1861).

Nesse primeiro extrato de carta, observa-se que D. Pedro II estava em viagem às províncias do “Norte”, conforme informado anteriormente, realizada entre os meses de outubro de 1859 e janeiro de 1860. Mesmo de tão longe e a altas horas da noite, o Imperador procurava educar as Princesas, enviando-lhes lições de Matemática.

Nota-se que, ao passar as lições, ele, ao mesmo tempo, conferia se a disciplina de Matemática, na ocasião ministrada pelo mestre Candido Baptista, havia sido bem sucedida. Em resposta ao pai, Isabel escreve de Petrópolis, em 6 de dezembro de 1859: “Meu querido Papae [...] No dia 8 parte o vapor inglês, de manhã amanhã, partem as cartas, ajuntarei a estas cartas um escritinho” (ISABEL, 1859). É bem provável que o “escritinho” sejam as resoluções matemáticas solicitadas pelo “pai/mestre” (AGUIAR, 2012).

Numa outra carta ao pai, sem data, ela escreve: “remeto o papel do Papae que talvez o queira mostrar ao Candido Baptista” (ISABEL, [1857]). Pelo que se pode inferir, D. Pedro II, além de fiscalizar se suas filhas estavam “dando boas lições”, também discutia com os mestres os conteúdos ensinados, visto ter Isabel enviado o “papel” - possivelmente questões resolvidas -, cogitando a possibilidade de ele querer mostrá-lo ao mestre de Física e Matemática.

Para a compreensão do segundo e terceiro extratos de carta citados, foi necessário recorrer ao calendário do período em questão, no qual se percebeu que as datas entre 24 e 31 de março de 1861 correspondiam à “Semana Santa”, na qual se comemora a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Naqueles dias, considerados santos pela Igreja Católica, o Imperador não só cobrava as “figuras geométricas” como também determinava que as filhas passassem a semana tão santas quanto ela, ou seja, elas deveriam se comportar e realizar suas atividades educacionais sem maiores problemas. Assim, percebe-se que Isabel e Leopoldina, (Figura 1), obedeciam ao pai, não parando para descansar nem em dias santos e de guarda.



Figura 1 – Princesa Isabel e Princesa Leopoldina- 1860

Fonte: Arquivo Dom Carlos

Assim como há registros nas cartas sobre a educação das Princesas herdeiras, outros “traços” são encontrados no diário da Princesa Isabel e nos cadernos das duas Princesas. Para a análise do diário, buscou-se orientações na obra de Montino. Segundo o autor, as crianças “são objetos de processos educativos e de formação decidida e dirigida pelos adultos” (MONTINO in PASSEGI, 2008, p. 115). Nesse sentido, tornou-se necessário usar de maior rigor na leitura e interpretação dos apontamentos realizados pela Princesa em suas cartas e em seu diário, para achar, nas entrelinhas, os reais escritos de si, sempre lembrando que por detrás do diário havia uma Princesa cheia de grandes responsabilidades futuras para com o seu país, cuja escrita era constantemente orientada e vigiada por seus mestres.

O diário da Princesa Isabel traz importantes revelações sobre a atuação da preceptora na formação educacional das Princesas herdeiras, como, por exemplo, anotações sobre as aulas de Teatro com a participação da aia. Para exemplificar melhor o cotidiano das lições das duas Princesas e a atuação de seus educadores, apresentam-se abaixo trechos do referido diário:

Domingo, 26 de 8 bro. Missa. Decorei o Evangelho XX4. Depois fui tirar um retrato para se ir Litografar. Depois fui brincar, e fiz um limpador de pennas para aminha boneca. Veio a Jeni para ajustar a comedia em Francez. De noite joguei o Cassino que a Condessa me ensinou; eu e a mana ganhamos, depois fui cear. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

Domingo 9 9bro de 1856 Missa. Explicação do Evangelho. Fiz o 1º ençaiio da comedia. Não fui passear, mas brinquei com a Ciquinha e a Jeni. (DIÁRIO DA

PRINCESA ISABEL, 1856).

Domingo, 16 9bro de 1856 Missa explicação do Evangelho. Ensaio da comedia. De tarde não fui passear porque estava chovendo muito. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

Domingo, 24 de 9bro Missa, o ensaio da comedia já no tablado, representamos 2 vezes, de tarde fui passear de carro. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

Domingo, 31 de 9 bro Decorei o Evangelho, e ençaei a comedia. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

3ª fra 2 Dezembro Foi os annos de meu Caro Papae, por isso tive feriado todo o dia de tarde veio o Dominique vestido de soldado que estava muito engraçado, o fomos ver o Theatro e depois estudei a lição do Valdetaro. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

4ª fra 3 Dezembro [...] foi o ensaio geral depois representei a peça L'aveugle de Spa, com a Angelica filha do Torres que era Mao. Aglebert a Chiquinha da Totonia a Chiquinha do Jobim eu a mana a Adelaide e a Jeni e a Tereza do Torres. Assistirão Papae e a Mamãe o Mordomo e a sua senhora e outras pessoas que Papae e Mamãe convidaram. O ponto foi a Condessa de Barral minha Aia, e o contra ponto foi a minha Domitilia. (DIÁRIO DA PRINCESA ISABEL, 1856).

De acordo com os registros no diário, o título da peça teatral apresentada era L'aveugle de Spa, e os ensaios da comédia aconteceram uma vez por semana, durante um mês. A apresentação ocorreu no dia 3 de dezembro de 1856, com a presença dos pais das Princesas e de outros convidados. Isabel não informou o local, mas tudo indica que o evento tenha se realizado na Sala de Teatro existente no Paço de São Cristóvão. Os “atores infantis” participantes do *tableau* foram Isabel, Leopoldina e os filhos de dignitários da Corte, como “a Angelica filha do Torres que era Mao. Aglebert a Chiquinha da Totonia a Chiquinha do Jobim [...] Adelaide e a Jeni e a Tereza do Torres”. A apresentação também contou com a participação de dois adultos: a dama Domitilia Francisca e a aia Condessa de Barral, que certamente esteve à frente de todo o evento “dando vida” à Sala de Teatro do Paço de São Cristóvão que, anos atrás, fora usada pelo Imperador e suas irmãs na infância.

O Teatro estava entre as disciplinas estudadas pelas Princesas. Sobre o assunto, localizou-se, entre os materiais de estudo das filhas do Imperador, o Caderno de Teatro da Princesa Isabel, no qual se encontram textos de peças teatrais em língua francesa.

Em carta ao irmão Imperador, a Princesa Francisca diz aprovar a atividade desenvolvida na Sala de Teatro: “É excelente para suas filhas essas peças” (FRANCISCA, 1857 *apud* LACOMBE, 1989). A Princesa também enfatiza a importância das meninas exercitarem a memória numa língua estrangeira, visto que as peças eram em francês. A atuação das Princesas na Sala de Teatro de São Cristóvão certamente contribuiu para que elas trabalhassem a desenvoltura, preparando-se para falar e se apresentar em público, atividade muito desempenhada por um soberano.

Com relação aos cadernos, Mignot (2008, p. 7), ressalta sua importância para a

história da educação, pois “falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos”. Afinal, por meio deste “esquecido” objeto da cultura escrita, “é possível examinar conteúdos, metodologias e avaliações utilizados cotidianamente nas salas de aulas” (MIGNOT, 2008, p. 13).

Isabel e Leopoldina não frequentaram “salas de aulas” em estabelecimentos escolares no período de sua formação. O cotidiano educativo das duas meninas ocorria no espaço doméstico da casa, seja numa sala, gabinete, biblioteca, laboratório ou até mesmo nos jardins da residência. Contudo, por intermédio de seus cadernos e demais materiais de estudos produzidos nesses espaços, também é possível examinar “conteúdos, metodologias e avaliações”.

Entre os estudos teóricos das Princesas, consta o aprendizado dos *corpos celestes* conforme anotações no caderno de Cosmografia da Princesa Isabel. A seguir, o trecho de uma das matérias ensinadas,

Idêias sobre a Astronomia

Chama-se **Corpo** a qualquer reunião de **Moleculas**, e **Molecula** a menor porção, em que se pode suppôr dividido qualquer **Corpo**. Os *córp*os e as molleculas attrahen-se entre si, chamando-se propriamente **Attracção** a força, com que os **Córpos** se attrahem entre si, e cohesão a que exercem uas **Moleculas** sobre outras. (CADERNO DE COSMOGRAFIA DA PRINCESA ISABEL, 1857)

Ao investigar o caderno de Cosmografia de Isabel, observa-se em suas folhas uma letra legível e bem desenhada. A Princesa preocupa-se em chamar a atenção para algumas palavras escrevendo-as em vermelho, conforme o grifo realizado no trecho citado. No entanto, não se sabe se este procedimento foi orientado pelo mestre ou se foi iniciativa própria da aluna, por acreditar que as palavras ressaltadas eram importantes para a compreensão do seu conteúdo. O caderno está datado de 1857, o que permite concluir que a disciplina foi ministrada no mesmo ano em que D. Amélia escreveu ao Imperador comentando sobre o ensino de Astronomia concedido às Princesas.

No período de 1850 a 1863 foi intensa a busca de D. Pedro II por mestres que lecionassem às Princesas herdeiras as mais variadas disciplinas, contribuindo assim com a formação educacional das duas meninas. Os registros encontrados sobre os últimos mestres contratados, como Frei José de Santa Maria Amaral, de História da Filosofia; Luís Vicente de Simoni, de Italiano; e Carlos Carneiro de Campos, de Economia Política, são de 1863 (AGUIAR, 2015), mesmo ano em que começa a acontecer a liberação de alguns mestres, o que perdura até 1864, quando todos são dispensados por ocasião do casamento das Princesas Isabel e Leopoldina, a instrução formal estava concluída.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação educacional das Princesas Isabel e Leopoldina, ocorreu durante quatorze anos. As lições eram apreendidas na casa, ou seja, nos Palácios Imperiais de São Cristóvão e de Petrópolis. Diariamente as meninas eram avaliadas pelos mestres, pela preceptora e pelo Imperador D. Pedro II. As notas obtidas eram informadas aos Imperadores pela preceptora e pelas Princesas por meio de cartas.

D. Pedro II empenhou-se em formar duas futuras governantes. Em 1863, um ano antes de findar a instrução das filhas, escreveu à Princesa Francisca de Joinville para tratar do casamento das sucessoras. Nessa carta, ele confirmou ter proporcionado as duas filhas os “conhecimentos mais próprios do outro sexo” para que elas tivessem condição de assumir o Trono e a Coroa do Brasil quando chegasse o momento” (D. PEDRO II, 1863).

Os traços dessa formação educacional estão presentes na caligrafia constante no diário da Princesa Isabel, mas também nos cadernos e nas cartas escritas no mesmo período. Em alguns momentos, essa caligrafia falava por si só, tornando-se incompreensível em determinados trechos... Suas autoras demonstram estar fisicamente cansadas, principalmente Leopoldina, a irmã mais nova, e que na prática não precisava estudar tanto quanto a irmã Isabel. Em vários momentos fica evidente suas dificuldades para acompanhar o projeto educativo do pai Imperador.

Logo, Isabel e Leopoldina receberam a mesma formação educacional, mas os documentos autobiográficos consultados em cruzamento com as demais fontes mostram Isabel mais comprometida com os ensinamentos que lhe eram proporcionados. Ela era mais dedicada às lições e a mais cobrada pelo Imperador, estando, portanto, mais bem instruída para governar. E Isabel estava ciente de suas responsabilidades para com o seu país e de sua condição como mulher. No seu íntimo parecia entender que precisava estar acima daqueles com quem dividiria o governo não somente ocupando o maior cargo, o de Imperatriz, mas principalmente estando intelectualmente mais bem preparada do que qualquer homem que cruzasse seu caminho na política. Somente assim conseguiria fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. D. Pedro II: o pai/mestre das Princesas. *Encontros – Revista do Departamento de História do Colégio Pedro II* (Rio de Janeiro), v. Ano 10, p. 59-72, 2012.

_____. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015.

_____. D. Pedro II: o Monarca Educador. In: XVII Encontro de História da ANPUH - Entre o Local e o Global. Nova Iguaçu: ANPUH RJ, 2016. v. 1. p. 1-13.

_____. *O cotidiano educativo nos escritos das Princesas Isabel e Leopoldina*. In: IX Seminário Internacional Redes Educativas e Tecnologias, 2017, Rio de Janeiro. Educação e democracia - aprenderensinar para um mundo plural e igualitário. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. v. 1. p.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de.; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. 'Meus caros paes': A educação das Princesas Isabel e Leopoldina. *Revista Educação em Questão (UFRN)*. Impresso),v. 44, p. 6 - 35, 2012.

ARGON, Maria de Fátima Moraes. A Princesa desconhecida. *Revista Nossa História*, ano 3, n. 36, p. 74-77, 2006.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT ,Ana Chrystina Venancio (Orgs.) *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BOLETIM DA PRINCESA ISABEL. 1864. (Arquivo Grão Pará).

BRASIL. LEGISLAÇÃO IMPERIAL– Decreto Imperial de 15 de outubro de 1827.

CARTA da Princesa Francisca a D. Pedro II. Richmond, 7 de janeiro de 1856. (Arquivo Grão Pará, XXVIII -1).

CARTAS da Princesa Isabel a D. Pedro II. Relativo ao período de [1857] a 1859]. (Arquivo Grão Pará XLI-3).

CARTA da Princesa Leopoldina a D. Teresa Cristina. [Petrópolis], 25 de dezembro de 1859. (Arquivo Grão Pará XLVIII-5).

CARTAS de D. Pedro II à Princesa Isabel. Relativo ao período de 1859 a 1861. (ARQUIVO GRÃO PARÁ XXXIX -1).

CARTA de D. Amélia à Princesa Isabel. Lisboa, 11 de janeiro de 1855. (Arquivo Grão Pará II-4).

CARTA de D. Amélia à Princesa Isabel. Lisboa, 12 de março de 1856. (Arquivo Grão Pará II-4).

CARTA (Rascunho) de D. Pedro II a D. Amélia Imperatriz do Brasil. [1853]. - POB Cat. B, Maço 29, Doc. 1046. (Museu Imperial/Ibram/MinC).

CARTA (Rascunho) de D. Pedro II à Princesa Francisca. Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1863. (Arquivo Grão Pará XXXIX – 8).

CADERNO DE Cosmografia da Princesa Isabel. 1857. (Arquivo Grão Pará).

CADERNO de Teatro da Princesa Isabel. 1863. (Arquivo Grão Pará).

CUNHA, Maria Teresa dos Santos. Do coração à caneta: Cartas e diários pessoais nas teias do vivido (Décadas de 60 a 70 /séc.XX. História: Questões & Debates, v. 59, p. 115-142, Editora : UFPR, 2013.

DIÁRIO da Princesa Isabel. Relativo ao período de 1856-1857. (Arquivo Grão Pará).

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

LACOMBE, Lourenço Luiz. *Isabel: a Princesa redentora*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

MONTINO, Davide. As crianças e a escrita de si. Ocasões, limites e ambiguidades da autobiografia infantil na contemporaneidade. In: Maria da Conceição Passeggi (Org). *Tendências da pesquisa autobiográfica*. Natal, RN:EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

Princesa Isabel e Princesa Leopoldina. Fotografia.1860.(Arquivo Dom Carlos).

PAPÉIS relativos à educação das Princesas. 12 páginas de texto, algumas por letra de D. Pedro II. Maço 29 – Doc. 1038. (Museu Imperial/Ibram/MinC).

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

_____.Uma mulher educada no oitocentos: a escrita feminina no diário da Viscondessa de Arcozelo. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 53, n. 39, pp. 104-131, set./dez. 2015.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-465-8

